

A ARQUITETURA SINTÁTICA DO TEXTO

Emanuel Cardoso-Silva¹

RESUMO: Tradicionalmente, fazer a análise de uma proposição (em gramática, unidade sintática construída em torno de um verbo, frase simples, isto é, proposição independente, ou elemento de uma frase complexa, período composto; em lógica, enunciado que pode ser considerado verdadeiro ou falso) é indicar as funções desempenhadas pelas palavras ou grupos de palavras nessa proposição. Da mesma maneira, efetuar a análise de uma frase é indicar as funções exercitadas pelas proposições da frase. Os dois exercícios pressupõem que os constituintes de um enunciado possuem FUNÇÕES SINTÁTICAS diferentes, idéia que comporta por sua vez várias teses subjacentes.

PALAVRAS CHAVE: Sintaxe, Funções Sintáticas, gramática.

ABSTRACT: Traditionally, to make the analysis of a proposition (in grammar, syntactic unit constructed around a verb, simple phrase, independent proposition, or element of a complex phrase, composed period; in logic, enunciated that it can be considered true or false) is to indicate the functions played for the words or groups of words in this proposition. In the same way, to effect the analysis of a phrase is to indicate the functions formed by the proposals of the phrase. The two exercises estimate that the constituent of a statement possess different SYNTACTIC FUNCTIONS, idea that holds in turn some underlying teses.

KEY WORDS: Syntax, Syntactic Functions, Grammar

¹ Doutor em Linguística pela PUC/SP – Professor da Faculdade Alfa – Praia Grande

Tradicionalmente, fazer a análise de uma proposição (em gramática, unidade sintática construída em torno de um verbo, frase simples, isto é, proposição independente, ou elemento de uma frase complexa, período composto; em lógica, enunciado que pode ser considerado verdadeiro ou falso) é indicar as funções desempenhadas pelas palavras ou grupos de palavras nessa proposição. Da mesma maneira, efetuar a análise de uma frase é indicar as funções exercitadas pelas proposições da frase. Os dois exercícios pressupõem que os constituintes de um enunciado possuem FUNÇÕES SINTÁTICAS diferentes, idéia que comporta por sua vez várias teses subjacentes:

Do ponto de vista sintático, a totalidade constituída pela frase não é um puro aglomerado de elementos, e sim as relações entre os elementos da frase e a totalidade dela.

Admite-se que a frase, globalmente, tem uma finalidade, e que cada constituinte se distingue dos outros pela parte que toma na realização da referida finalidade.

A função de um elemento não é diretamente determinada por sua natureza: dois elementos de natureza diferente podem ter a mesma função. O que se postula aqui é a polivalência dos órgãos da oração, e a possibilidade de que um supra o outro em uma mesma função. Trata-se do funcionalismo.

Para sustentar, enfim, que as funções sintáticas dependem da língua, cumpre também admitir que, para uma língua dada, há um inventário bem determinado das funções sintáticas, e que as mesmas podem aparecer nos enunciados mais diferentes.

Desde a antigüidade, duas funções foram destacadas, a do SUJEITO e a do PREDICADO (Port-Royal retoma esta distinção). Tal distinção foi durante muito tempo um obstáculo à descoberta de outras funções.

Até que os verbetes de REGIME e CONSTRUÇÃO da ENCYCLOPÉDIE inauguraram uma análise funcional que foi além da distinção entre SUJEITO e PREDICADO e introduziram, então, a noção de COMPLEMENTO.

Esta colocação retomada por Tesnière diz que em toda função há, pois, uma complementação, ou ainda, se se aceita dizer que o complemento "depende" do completado, há aí uma relação de DEPENDÊNCIA.

A partir daí, descrever as funções sintáticas realizadas em um enunciado é indicar as **dependências existentes entre os elementos deste enunciado**. A noção de complemento faz rebentar a análise tradicional baseada na oposição do sujeito e do predicado.

A rede de dependência, para Tesnière, organiza-se a partir de um modelo arbóreo que se denomina ESTEMA (representação gráfica para a disposição e a arquitetura das conexões - relações que as palavras contraem na frase), onde o complemento fica sempre colocado debaixo do termo completado e é ligado a ele por um traço. Para ele, a frase representa uma espécie de "pequeno drama", onde o predicado representa a ação (no sentido teatral), ou, ainda, o "processo", sendo os dependentes do predicado os principais elementos dessa ação. Eles são de dois tipos: os atuantes (designando as personagens) e os circunstantes (designando a situação).

Uma vez constituído o estema, procura-se indicar a natureza das relações de dependência realizadas no enunciado, isto é, busca-se explicar que os elementos que se encontram em um enunciado não exercem uma função única a bem dizer, pois tem-se que a função de um elemento se define sempre pelo tipo de relação que o liga a outro elemento.

Em outras palavras, o que Tesnière procura é extrair a realidade estrutural profunda que se oculta atrás da manifestação linear do enunciado falado ou escrito e tornar evidente/visível a estrutura hierárquica do estema atrás do contínuo unidimensional deste enunciado, o que significa propriamente o estabelecimento da cognição de uma ordem pluridimensional-estrutural, ordem esta que implica relações das mais variadas índoles.

Este posicionamento, por parte do autor em questão, é compreensível porque ele tem consigo que compreender uma língua é restabelecer as CONEXÕES (de dependência) que não aparecem unicamente sob forma de seqüências sobre a cadeia falada e escrita, e é reconstituir a arquitetura interna desta língua.

Tal restabelecimento de conexões e tal reconstituição da arquitetura interna da língua se dá, na perspectiva de Berlo (1979), pelo levantamento do sentido estrutural no momento da leitura, sentido estrutural este que se define por um processo que resume nomes e destaca relações que são aleatórias, mas estabelecidas a partir de métodos (estabelecidos a partir de uma competência lingüística do homem) que descrevem um conjunto de procedimentos para a arrumação dos elementos presentes no discurso, de forma que sejam significativos entre si. Assim, podemos dizer que há uma dimensão de sentido na forma.

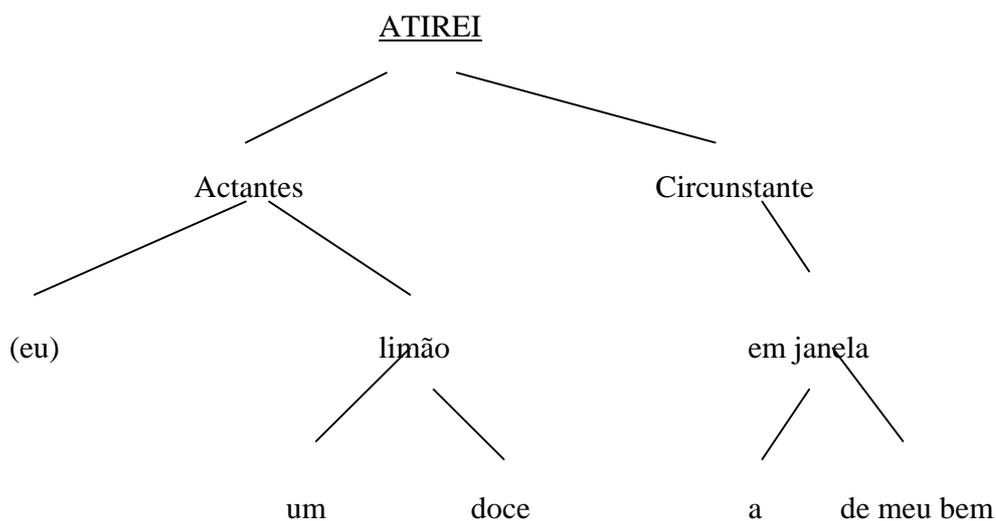
O sentido estrutural é uma relação entre sinais e outros sinais. Para analisar o sentido estrutural, não temos que procurar no mundo físico os objetos a que as palavras se referem; temos é de analisar as relações formais entre as palavras. Por esta razão, podemos dizer que o domínio do sentido estrutural é a realidade formal, não a realidade física; não diz respeito à realidade dos objetos físicos, diz respeito à realidade das relações entre símbolos. Os conceitos lingüísticos, tais como os conceitos matemáticos, são de natureza estrutural. Referem-se à realidade formal e precisam ser definidos formalmente. A estruturação dos conceitos lingüísticos processa-se primordialmente pela repetição e pela reiteração, características freqüentemente encontradas nas mensagens construídas na linguagem verbal. Repetimos os pontos importantes, usamos as mesmas palavras duas vezes. Às vezes, usamos palavras diferentes para destacar (os nossos) sentidos - isto é, reiteramos o encadeamento seqüencial, possibilitando a predição do que está vindo pelas relações formais entre os termos enunciados, construindo um processo seqüencial temporal e lógico.

Para concluir, convém especificar que, para desenvolver sua teoria, **Tesnière coloca o verbo como o elemento principal da frase em decorrência de sua ação e de seus traços semânticos, comprovando, a partir do conceito de VALÊNCIA - capacidade que tem um verbo de reger os seus subordinados, isto é, os atuantes e os circunstantes - a universalidade das categorias postuladas.**

O conceito de valência pode ser relacionado às formas de construção do sentido indicativo ou referencial proposto por Berlo. Segundo esse autor, as palavras referem-se tanto a pessoas, lugares ou coisas quanto a processos ou ações. O sentido indicativo é construído a partir de uma relação entre um sinal palavra e um objeto. Quando usamos palavras indicativamente, procuramos denominar alguma coisa do mundo físico e, assim, dar-lhe existência através do nosso discurso. As palavras não têm significados em si e por si, mas através das (que estabelecemos) relações estabelecidas com pessoas ou eventos físicos, o que: a) alguma coisa existente e b) vamos falar sobre ela, ou pelo menos a ela referir-nos. Assim, conceituamos ou estruturamos discursivamente os eventos do mundo físico. À medida que estruturamos nossas percepções e as denominamos, cria-se uma relação entre a palavra e o evento.

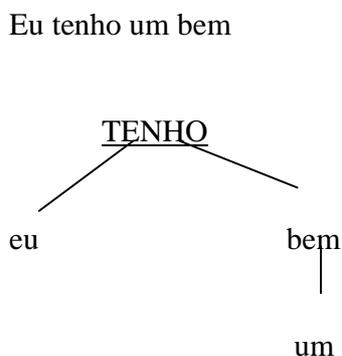
A título de exemplificação, será analisada a quadrinha TROVA de Manuel Bandeira

*Atirei um limão doce
Na janela de meu bem:
Quando as mulheres não amam,
Que sono as mulheres têm!*



O verbo ATIRAR é um verbo transitivo, por isso estabelece a relação entre dois actantes: aquele que atira (eu) e o que é atirado (limão). Para limão ocorrem especificações: a indefinição (um) e a caracterização (doce). A ação indicada é circunstancializada por "janela" que aparece preposicionada. A preposição tem a função de mudar de categoria a palavra, no caso, "janela" é uma palavra substantiva, daí admitir anteposto a si o circunstante "a" (artigo), que, ao ser preposicionada, muda de categoria e assume a função de advérbio, indicando o lugar. Para

"janela", ainda, ocorre a especificação "de meu bem". A palavra "bem" é advérbio, mas se torna substantivo por estar implicada num binômio de posse:

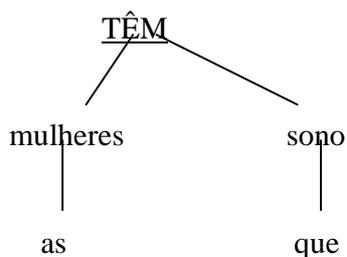


O verbo "ter", por ser transitivo, admite dois actantes (**eu** e **bem**). Por estar com a função de actante, é que "bem" muda de categoria e passa a ter a função de substantivo, e isso é marcado pela presença do pronome possessivo "meu", uma vez que a estrutura sintática "Eu tenho um bem", aparece representada por uma estrutura pronominalizada. O termo "meu bem", por sua vez, deixa de ter a função substantiva para assumir a função de adjetivo pela presença da preposição "de", tornando-se uma locução adjetiva que vem, por sua vez, acrescentar uma especificação para "janela".

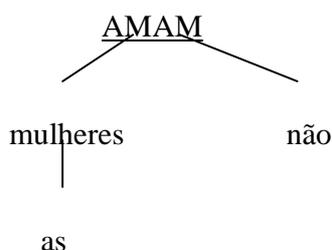
O segundo verso termina com a presença de dois pontos que tem valor explicativo.

Os dois últimos versos aparecem em ordem inversa. A ordem direta é: "Que sono as mulheres tem, Quando as mulheres não amam."

Representando na estrutura esquemática de Tesnière, temos:



Por ser transitivo, o verbo "ter" admite dois actantes (**mulheres** e **sono**). O actante "mulheres" aparece definido pelo artigo "as" e "sono", intensificado pelo pronome indefinido "que" que tem o valor de "muito", ou seja, "As mulheres têm muito sono". O pronome indefinido "que" é deslocado para o início da frase para assumir também um valor de interjeição exclamativa, reiterado pela presença do ponto de exclamação no final do verso.



O verbo "amar" é um verbo transitivo que, portanto, relaciona dois actantes, só que, no caso só um actante é enunciado, pois o outro está negado pelo circunstante "não", isto denota que o verbo "amar" está investido de um valor intransitivo.

A conjunção "quando" estabelece a relação entre os dois estemas acima, por ter uma função de circunstancializador, ou seja, o segundo estema tem a função de circunstante do primeiro estema. Por ter a função de circunstante, esta oração é investida de um valor adverbial, daí ser classificada como subordinada adverbial. A interpretação que podemos dar é que as mulheres têm muito sono, numa circunstância: quando não amam.

Concluimos que a arquitetura sintática do texto, ao ser explorada, possibilita, ao leitor, estabelecer um percurso interpretativo do texto, através da associação estabelecida com os sentidos indicativos que têm as palavras e os sentidos estruturais que articulam as relações entre as partes do texto.

BIBLIOGRAFIA

BERLO, D. O processo da comunicação. Introdução à teoria e à prática. São Paulo, Martins Fontes, 1979.

HELBIG, Th. Linguistisches Woerterbuch. Tomo 3, 1973.

TESNIÈRE, L. Éléments de syntaxe structurale. Paris, 1965.